

PAPÉIS TROCADOS? O PAPEL SOCIAL DOS PAIS DE ZEZINHO, NA OBRA *O MEU PÉ DE LARANJA LIMA*

Angelo Renaldo Santos GONÇALVES (G-UFPA)

Sandra Maria JOB (UFPA)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar o papel social dos personagens Paulo e Estefânia em *O meu pé de laranja lima* (1968) na intenção de refletir sobre a existência ou não de conflitos na relação do casal quanto ao papel social dos mesmos. Durante a construção deste artigo, utilizando de pesquisa bibliográfica, respaldamo-nos em correntes teóricas a respeito de gênero, como por exemplo, Ana Colling (2004). Pode-se concluir, entre outras coisas, que os personagens em questão analisados não cumprem com seu “papel” social estabelecido pela sociedade no momento da narrativa. Tendo em vista o que os motivou a esse desvio pode ter sido a falta de emprego do pai.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero. Homem. Mulher. Papel social.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo analisar o papel social dos personagens Paulo e Estefânia em *O meu pé de laranja lima* (1968) na intenção de refletir sobre a existência ou não de conflitos na relação do casal quanto aos papéis sociais dos mesmos. Para a construção deste artigo, respaldamo-nos em correntes teóricas a respeito de gênero, como, por exemplo, Ana Colling (2004).

O mesmo se divide em três partes. Em um primeiro momento, apresentaremos uma breve discussão sobre gênero. Em seguida, apresentaremos as análises e, por fim, as conclusões.

GÊNERO: O QUE É? COMO FUNCIONA?

Ao ouvirmos a palavra gênero, geralmente, a primeira coisa que nos vem à mente são os termos masculino e feminino, isto é, o gênero feminino e o gênero masculino. Isto por que durante a nossa vida são esses os conceitos e noções que nos são repassados. Contudo, ao aprofundarmos nossos conhecimentos, através de leituras, constatamos que o termo/vocábulo gênero é mais complexo, pois vai muito além dessa simples definição.

Ciente disso, o intuito aqui é fazer uma breve explanação sobre o que se entende por gênero. Nesse sentido, de acordo com Meneghel; Farina et al (2005, p. 568),

Historicamente o conceito de gênero foi utilizado em pelo menos três posições teóricas: a primeira delas, eminentemente feminista, atribuiu as desigualdades entre homens e mulheres ao sistema de dominação patriarcal; a segunda corrente aproximou-se do pensamento marxista, enquanto o terceiro grupo, pós-estruturalista, inspirou-se na psicanálise.

E será a primeira corrente à qual nos ateremos, isto é, à posição teórica que atribui as desigualdades entre homens e mulheres ao sistema patriarcal, visto que essas desigualdades, entre outros aspectos, culminam na dominação de um dos sexos sobre o outro. Haja vista, neste sentido, que “ao longo da história brasileira, as mulheres foram silenciadas, tiveram de lutar e muito para ocupar o seu espaço na sociedade e ainda hoje se encontram em desvantagem em relação aos homens em vários setores, como política e mercado de trabalho, por exemplo.” (COSTA, 2014, p. 76).

Para as teóricas feministas que postulam essa visão, como Colling (2004, p. 29), “são as sociedades, as civilizações, que conferem significado à diferença. Portanto, não há verdade na diferença entre os sexos, mas um esforço interminável para dar-lhe sentido, interpretá-la e cultivá-la.”

Ou seja, não há de fato uma justificativa plausível para a diferença entre homens e mulheres, muito embora a sociedade machista tente “desesperadamente”, dar uma explicação para justificar uma diferença que, na prática e muito menos na teoria, não existe. Contudo, de acordo com a afirmação acima de Colling, existe também todo um trabalho para convencer que há uma diferença e para manter essa “diferença”. E é para contribuir com essa assimetria e, conseqüentemente, desigualdade social, que frases preconceituosas e machistas como a de Rousseau (apud COLLING, 2004, p. 20), “a mulher é incapaz de pensar, só tem que amar”, entre tantas outras, são propagadas.

Visões anacrônicas como esta fizeram, e fazem, com que historicamente o masculino sempre aparecesse como superior e, por outro lado, ratifica o papel social da mulher como mãe, rainha do lar, esposa dedicada que, de acordo com as feministas, tem atravessado o tempo.

Colling (2004, p. 21) diz que:

O poder patriarcal se expressa diretamente na ordenação legislativa que justifica a desigualdade. Este poder que resiste durante séculos produz saber e transforma-se numa ação normalizadora sutil do poder. Os papéis sexuais, tanto masculinos como femininos, são produtos na configuração do poder, são lugares ocupados em uma situação estratégica complexa, que dotam o masculino de um maior exercício de poder que a mulher.

Mesmo dentro do lar, que de acordo com as concepções equivocadas da sociedade deveria ser de domínio da mulher, os homens, em muitos casos, ainda tomam para si a superioridade. Então, o homem é visto como o chefe da família, o provedor de bens e direitos, o que comanda a casa, restando à mulher, como visto anteriormente, cuidar dos filhos, pois esse é o “papel” que a sociedade concebeu como sendo dela. Em outras palavras, pressupõe-se que unicamente elas podem cuidar deles, pois isto não é papel de homem, na visão patriarcal.

O “PAPEL” SOCIAL DOS PAIS DE ZEZINHO EM *O MEU PÉ DE LARANJA LIMA*

Tendo em vista os aspectos teóricos apresentados, segue-se uma análise da obra *O meu pé de laranja lima*, que foi escrita em 1968 por José Mauro de Vasconcelos. A obra retrata, de acordo com Juliana Cruz (2007, p.70):

A vida de um menino pobre, vivendo na periferia carioca, no bairro de Bangu (anos 20), que passa por inúmeras desventuras, mas que vive a ternura da fantasia através de suas fugas da realidade, de uma realidade dura e incontestável. Zezé, a personagem protagonista, vive em uma família desestruturada: o pai encontra-se desempregado e a mãe trabalha incessantemente para mantê-los, recebendo um salário miserável da fábrica onde era empregada. Seu maior sonho era ganhar um presente no dia de Natal, mas dizia que o menino Jesus, nunca nascia para ele, só para as crianças mais ricas. [...]. Diante do estado de total miséria da família, Zezé, incompreendido pelos adultos por ser um menino travesso, fora dos padrões exigidos pela sociedade, cria um mundo de fantasia, onde se refugia dos problemas cotidianos e da brutalidade com que os adultos o tratam. [...]. Pelas dificuldades financeiras, a família se vê obrigada a mudar de casa. Zezé encontra também no quintal da nova casa, um pequeno pé de laranja lima que [...] manifesta-se falando com o menino. Tal árvore ganha o nome de Minguinho, tornando-se grande amigo e confidente de Zezé. [...] O único adulto que entende o menino, fazendo um grande elo de amizade sincera, é o português Manuel Valadares, chamado carinhosamente de Portuga, por Zezé. [...] Passando o amigo a representar uma imagem de pai.

Entre os diversos personagens que constituem a trama, Paulo e Estefânia serão mais analisados na intenção de refletir sobre a possível existência de conflitos na relação do casal quanto aos papéis sociais dos mesmos.

Paulo e Estefânia personificam o papel de pai e mãe, respectivamente, isto é, o patriarca responsável por comandar a família e garantir o bem estar da mesma e a genitora encarregada de cuidar do lar, juntamente com a educação dos filhos. Entretanto, no momento da narrativa, Paulo encontra-se “desempregado há muito tempo” (VASCONCELOS, 1975, p. 30). E temos aí um problema, pois temos um pai que foge ao “papel” que a sociedade diz que ele deve ter:

Organização sexual hierárquica da sociedade tão necessária ao domínio político. Alimenta-se do domínio masculino na estrutura familiar (esfera privada) e na lógica organizacional das instituições políticas (esfera pública) construída a partir de um modelo masculino de dominação (arquétipo viril) (COSTA, 2008 apud SILVA, 2011, s.p).

Sem emprego ele não tem como cumprir com a responsabilidade social que é a de “bancar” a casa e a mulher, sob o ponto de vista patriarca. Dessa maneira, o momento familiar de pobreza é sempre associado ao pai, justificado pela sua falta de emprego. “[...] o drama que vai lá em casa. Papai está desempregado.” (VASCONCELOS, 1975, p. 8).

GONÇALVES, Angelo Renaldo Santos; JOB, Sandra Maria. Papéis trocados? o papel social dos pais de Zezinho, na obra *O meu pé de laranja lima*. ANAIS do III Colóquio de Letras da FALE/CUMB, Universidade Federal do Pará, Breves, 18, 10 e 20 fevereiro 2016. ISSN 2358-1131

Já Estefânia, “nasceu trabalhando. Desde os seis anos de idade quando fizeram a Fábrica que puseram ela trabalhando. [...]. Ela trabalha nos teares do Moinho Inglês para ajudar a pagar a casa” (VASCONCELOS, 1975, p.78). Temos, então, neste momento da narrativa, outra exceção à regra quanto ao papel “social” da mulher, pois é uma mulher fora do “papel” maternal e doméstico que a sociedade determina que ela deva ter, pois trabalha fora de casa, longe do espaço geográfico pré-determinado a ela, o lar.

Entretanto, a mãe de Zezinho também “ficava no tanque, com um pano amarrado na cabeça para tapar o sol. Tinha um avental amarrado na barriga e ficava horas e horas, metendo a mão na água, fazendo sabão virar muita espuma. Depois torcia a roupa e ia até a corda.” (VASCONCELOS, 1975, p. 5). Ou seja, aqui esta personagem cumpre o “papel” social que é imposto à mulher.

Assim, a mulher veio cumprir seu papel de companheira, de alento para os dias difíceis do homem; já nasceu dependente dele, veio da sua costela não como sujeito individual que pudesse ter idéias próprias, decidir, ser autônoma, mas com a doçura e a candura de quem está pronta para servir ao seu senhor (LOPES, 2010, p. 98).

Contudo, ao trabalhar fora também, ela só prova o quão árdua é a vida da mulher pobre no Brasil que cumpre já lá, desde o século passado, se não desde sempre, uma jornada dupla de trabalho. Neste contexto, sexo frágil? Incapaz? Mas quando!?

Como é sabido na prática, a mulher não é nem nunca foi incapaz, fraca. Esses argumentos preconcebidos são disseminados, muito provavelmente, com o intuito de mantê-las à margem do poder. Mas, e na obra, em específico, será que o fato de a personagem naquele momento da narrativa estar como provedora do lar, pois apenas ela trabalhava, causava conflito no relacionamento do casal?

Tal questionamento pode ser respondido através da percepção que temos da personagem durante a narrativa, tendo em vista que em momento algum ela assume o papel de “chefe” da casa. Todos os trechos em que é citada sua participação com relação às despesas é dito que Estefânia trabalha para auxiliar o marido, “para ajudar nas despesas da casa” (p. 5), ou “para ajudar a pagar a casa” (p. 78).

Fato esse que não a torna uma personagem construída fora dos padrões da época, de mulher em segundo plano comparada ao homem em relação aos direitos e deveres. Pois, mesmo trabalhando desde muito cedo, o que mostra uma mudança nas relações de trabalho, ela nunca conseguiu estabilizar a família economicamente, muito provavelmente por receber bem menos do que um homem ganha trabalhando nas fábricas pelo mesmo período de tempo. Assim como no trabalho, na sociedade na qual vive também não é reconhecida, pois, por exemplo, aos olhos dos vizinhos ela não recebe o tratamento que é concedido ao personagem Paulo, marido da personagem, GONÇALVES, Angelo Renaldo Santos; JOB, Sandra Maria. Papéis trocados? o papel social dos pais de Zezinho, na obra *O meu pé de laranja lima*. ANAIS do III Colóquio de Letras da FALE/CUMB, Universidade Federal do Pará, Breves, 18, 10 e 20 fevereiro 2016. ISSN 2358-1131

visto que, por exemplo, sempre que o discurso é direcionado a sua família, percebe-se que a referência, o ícone da família é o pai como se nota no excerto abaixo.

A memória da rua é curta e pouco mais ninguém se lembrava de mais uma das travessuras do **menino de seu Paulo**. Porque era assim que me conheciam nos momentos de acusação:

— Foi o menino **de seu Paulo**... Foi o danado do filho de **seu Paulo**... Foi aquele menino de **seu Paulo**... (VASCONCELOS, 1975, p. 67 – grifos nossos).

Nesse trecho, como em diversos momentos do romance, a família é sempre referenciada pelo nome do pai, o homem, em razão, principalmente, da responsabilidade econômica que a sociedade conferiu a ele. No caso da obra analisada, mesmo estando a desempregado, o marido não perde seu status de “dono da mulher e da vida”, pois ele é “o dono, o macho” (EVARISTO, 2006, p. 76, apud JOB, 2011, p. 104).

Ao longo da narrativa, devido às poucas informações a respeito dos sentimentos de Paulo ou Estefânia, pois o romance tem como foco narrativo a primeira pessoa, ou seja, usando um narrador protagonista que conta as ações de acordo com a sua interpretação, é possível perceber indícios de que o fato de a mãe trabalhar fora para ajudar a manter a casa e cuidar da família incomoda o pai. Identificamos que a situação não o agrada através do pensamento do narrador autodiegético. Segundo este narrador, “devia ser triste, saber que mamãe trabalha para ajudar a sustentar a casa.” (VASCONCELOS, 1975, p. 88). Também podemos perceber isso através da fala do próprio personagem Paulo, que em certos momentos expressa resquícios de sua frustração, quando diz:

— Tudo passou, meu filho. Tudo. Você um dia vai ser pai e vai também descobrir como são difíceis certos momentos na vida de um homem. Parece que nada dá certo, provocando um desespero interminável. Mas agora, não. Papai foi nomeado gerente da Fábrica de Santo Aleixo. Nunca mais vai faltar nada nos seus sapatinhos na noite de Natal. Fez uma pausa. Ele também nunca mais ia esquecer daquilo para o resto da vida.

— Vamos viajar muito. Mamãe não precisará mais trabalhar, nem suas irmãs. (VASCONCELOS, 1975, p. 119).

Claro que a frustração do personagem Paulo pode não estar diretamente relacionada ao fato de a esposa trabalhar fora, mas sim, ao fato de a família passar necessidades pelo fato de ele estar desempregado. Mas independente da razão da frustração, o fato é que os indícios levantados ao longo da análise revelam que embora os “papéis” socialmente construídos do homem e da mulher estejam trocados, isso em nada altera as relações de poder que determinam e dizem quem é quem na sociedade brasileira moldada pelo sistema patriarcal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após as leituras acerca do assunto e a nossa análise é possível concluir que, no momento da narrativa, como a mulher é aquela que sustenta economicamente a casa, o papel social da mulher, construído histórica e culturalmente, está trocado, pois o marido não trabalha, ela é o sustentáculo da casa. Isso vem de encontro ao que é esperado, socialmente.

Conclui-se também que, embora os papéis sociais do homem e da mulher estejam trocados naquele momento da narrativa, esse fato, aparentemente, não traz conflitos para o casal. Entretanto, não deixa o homem/marido em uma situação confortável. Além disso, é possível concluir que esse desconforto pode advir não do fato de a esposa trabalhar, mas do fato de os filhos passarem necessidades por conta da situação na qual o marido se encontra.

E, por fim, conclui-se que por trabalhar fora a personagem acaba tendo dupla jornada de trabalho; que o fato de ela trabalhar e ter dupla jornada de trabalho não é questionado em nenhum momento da narrativa, o que nos leva a entender que nas classes menos favorecida economicamente, a mulher trabalhar fora é algo que não causa estranheza, muito provavelmente por ser algo comum – mesmo na sociedade daquele período (anos 40 do século passado).

Neste contexto, principalmente como forma de entender as relações familiares do passado, seria interessante um estudo mais aprofundado, a partir da literatura, sobre as relações familiares de famílias pobres e ricas.

REFERÊNCIAS

COLLING, Ana. A construção histórica do feminino e do masculino. In: STREY, CABEDA, PREHN et al (Org). *Gênero e cultura: questões contemporâneas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 13-18.

COSTA, Elisângela de Lana. Becos da memória e do esquecimento. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 18, n. 35, p. 76, 2014. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/download/P.2358-3428.2014v18n35p67/pdf>>. Acessado em: quinta-feira, 23 de março de 2016, 17h57min.

CRUZ, Juliana. *O meu pé de laranja lima: do broto ao fruto a recepção da obra de José Mauro de Vasconcelos por diferentes gerações*. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2007. 128f. Disponível: <<http://www.ple.uem.br/defesas/pdf/jlscruz.pdf>>. Acessado em: quinta-feira, 19 de novembro de 2015, 00h32min.

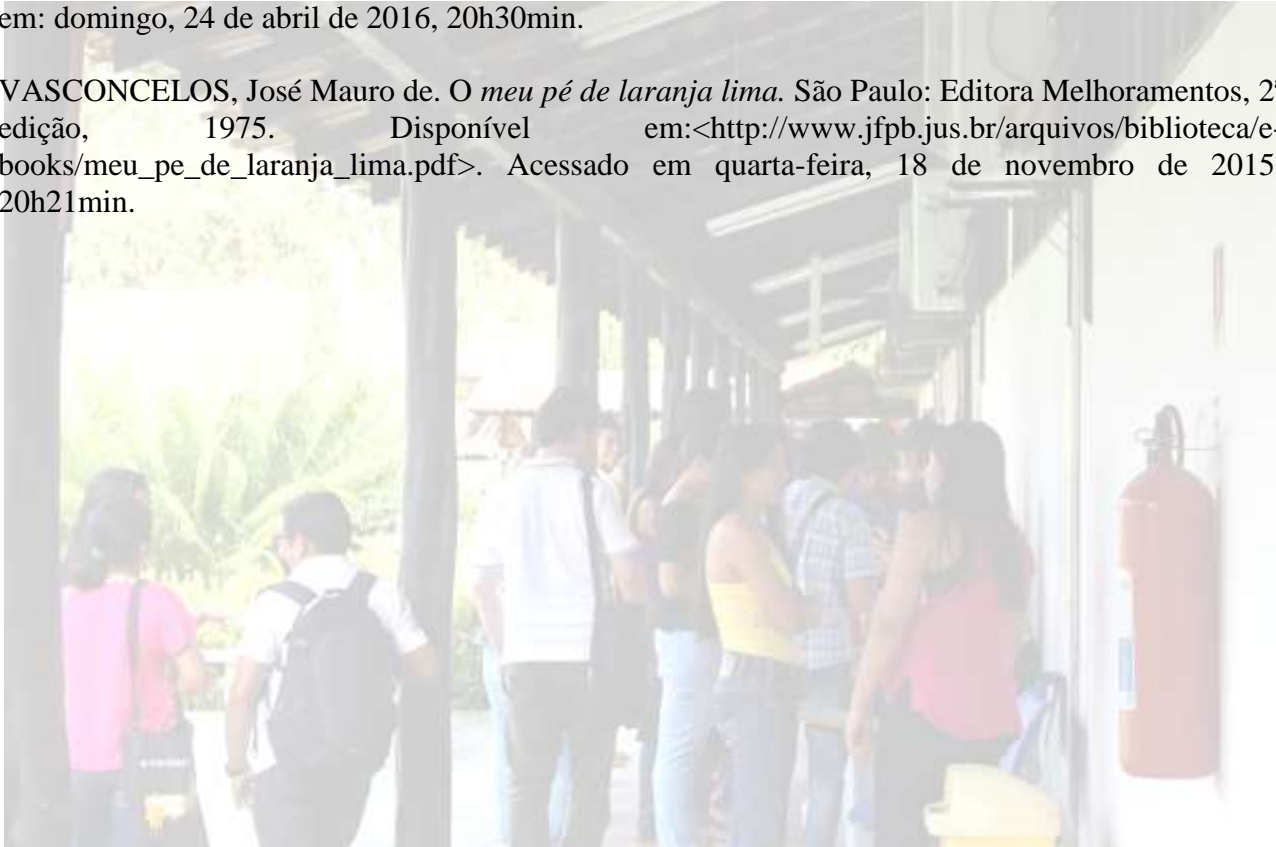
JOB, Sandra Maria. *Em texto e no contexto social: mulher e literatura afro-brasileiras*. Tese submetida à banca de defesa do curso de Doutorado em Teoria Literária, na Universidade Federal GONÇALVES, Angelo Renaldo Santos; JOB, Sandra Maria. Papéis trocados? o papel social dos pais de Zezinho, na obra *O meu pé de laranja lima*. *ANAIS do III Colóquio de Letras da FALE/CUMB*, Universidade Federal do Pará, Breves, 18, 10 e 20 fevereiro 2016. ISSN 2358-1131

de Santa Catarina, Florianópolis, 2011. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/95228/294989.pdf?sequence=1>>. Acessado em: sexta-feira, 22 de abril de 2016, 22h43min.

LOPES, Cláudio Bartolomeu. *Trabalho Feminino em Contexto Angolano: um possível caminho na construção de autonomia*. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo: PUC São Paulo, 2010. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=187604>. Acessado em: quinta-feira, 23 de março de 2016, 13h22min.

SILVA, Carla da. *UMA REALIDADE EM PRETO E BRANCO: as mulheres vítimas de violência doméstica*. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo: PUC São Paulo, 2011. Disponível em: <http://www.unifia.edu.br/projetorevista/artigos/direito/20121/desigualdade_imposta.pdf>. Acessado em: domingo, 24 de abril de 2016, 20h30min.

VASCONCELOS, José Mauro de. *O meu pé de laranja lima*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2ª edição, 1975. Disponível em: <http://www.jfjb.jus.br/arquivos/biblioteca/e-books/meu_pe_de_laranja_lima.pdf>. Acessado em quarta-feira, 18 de novembro de 2015, 20h21min.



GONÇALVES, Angelo Renaldo Santos; JOB, Sandra Maria. Papéis trocados? o papel social dos pais de Zezinho, na obra *O meu pé de laranja lima*. *ANAIS do III Colóquio de Letras da FALE/CUMB*, Universidade Federal do Pará, Breves, 18, 10 e 20 fevereiro 2016. ISSN 2358-1131